



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS**  
**CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO**  
**CURSO PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM LETRAS - ESTUDOS**  
**LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**

**WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA**

**UMA CRÍTICA COMPARADA AO PROJETO DA MODERNIDADE**

**MONTEIRO-PB**

**2014**

WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA

## **UMA CRÍTICA COMPARADA AO PROJETO DA MODERNIDADE**

Monografia apresentada, sob a orientação do professor Dr. Márcio dos Santos Gomes, ao Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Letras- Estudos Literários e Linguísticos.

MONTEIRO- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Wellington Carlos de Sousa.  
Uma crítica comparada ao projeto da Modernidade  
[manuscrito] : / Wellington Carlos de Sousa Silva. - 2014.  
46 p.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Letras: Estudos Linguísticos e  
Literários) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências  
Humanas e Exatas, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes,  
Departamento de Letras".

1. Literatura Comparada. 2. Sertões. 3. Dialética do  
Esclarecimento. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

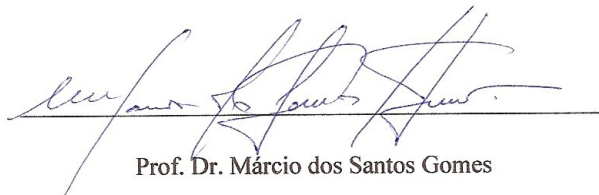
WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA

**UMA CRÍTICA COMPARADA AO PROJETO DA MODERNIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Letras - Estudos Linguísticos e Literários

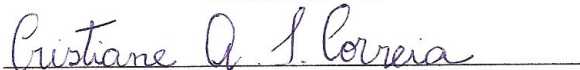
Aprovado em 02/10/2014

BANCA EXAMINADORA



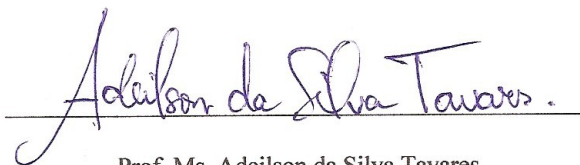
Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes

Orientador/UEPB



Prof.ª Dr.ª Cristiane Agnes Stolet Correia

Examinadora/UEPB



Prof. Ms. Adelson da Silva Tavares

Examinador/UEPB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de direta ou indiretamente o com minha formação acadêmica até a conclusão deste curso.

## DEDICATÓRIA

A minha família pelo apoio e consideração.

*A civilização é uma máscara*  
*Euclides da Cunha*

## RESUMO

O presente trabalho é estudo comparativo entre as obras *Sertões*, de Euclides da Cunha com a obra *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno & Horkheimer. Sendo o objetivo principal demonstrar algumas similaridades e diferenças entre aos autores na crítica ao projeto de Modernidade. Diante de tal comparação buscamos responder em que medida e de que forma as obras tratam da noção de Modernidade e por consequência, da noção de civilização que ele emerge? No caso dos *Sertões*, a crítica está relacionada ao massacre na região de Canudos realizado propositalmente pelo governo republicano para a inserção da sociedade brasileira na Modernidade. Enquanto, na *Dialética do Esclarecimento*, a crítica é mais ampla e generalista pois aponta os descaminhos do projeto da Modernidade na sociedade ocidental ocasionado principalmente pelo um deslumbramento causado pela própria Modernidade e um retorno à mitologia que visava combater. Diante de tal fato, então afirmamos que os autores apresentam um desencantamento recíproco pelo projeto da Modernidade, devido ao seu caráter dialético, uma vez que tal movimento não conduziu a uma emancipação total do homem e da sociedade, porém contribui para o estabelecimento e a perpetuação a barbárie e ignorância que esta deveria erradicar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Comparada, Sertões, Dialética do Esclarecimento.



## RESUMEN

El presente trabajo es un estudio comparativo entre las obras *Sertones*, de Euclides da Cunha con la obra *Dialéctica del Esclarecimiento*, de Adorno e Horkheimer. Siendo el objetivo principal demostrar algunas similitudes y diferencias entre a los autores en la crítica al proyecto de Modernidad. Delante de tal comparación buscamos responder ¿en qué medida e de qué forma las obras tratan da noción de Modernidad y por consecuencia, de la noción de civilización que é emerge? El en caso de los *Sertones*, la crítica está relacionada al masacre en la región de Canudos realizado a propósito por el gobierno republicano para la inserción de la sociedad brasileira en la Modernidad. Mientras, en la *Dialéctica del Esclarecimiento*, la crítica es más amplia y generalista pues apunta los descaminos do proyecto da Modernidad en la sociedad occidental ocasionado principalmente pelo un deslumbramiento causado pela propia Modernidad y un retorno a la mitología que visaba combatir. Delante de tal fato, entonces afirmamos que los autores presentan un desencantamiento recíproco pelo proyecto de la Modernidad, debido al su carácter dialéctico, una vez que tal movimiento no conducía a una emancipación total del hombre y de la sociedad, sin embargo contribuí para el establecimiento e a perpetuación de la barbarie e ignorancia que esta debería erradicar.

PALAVRAS-CLAVE: Literatura Comparada, *Sertones*, *Dialéctica del Esclarecimiento*

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA MODERNIDADE</b> .....	16
1.1O QUE É MODERNIDADE FILOSÓFICA? ONDE COMEÇA? .....	17
1.2 O PROJETO DA MODERNIDADE: UMA SAÍDA DA MENORIDADE.....	21
1.3OS PERCALÇOS DA MODERNIDADE: DESCONTINUIDADES E CONTRADIÇÕES.....	22
<b>2.PONTO DE PARTIDA DOS AUTORES: O CONTEXTO HISTÓRICO</b> .....	26
2.1 CONTEXTOS PARTICULARES DAS OBRAS: O CONTEXTO URBANO, AS LETRAS E A CIVILIZAÇÃO: ASCENÇÃO DA CIDADE.....	26
2.2 CONTEXTO SOCIAL DA <i>DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO</i> .....	30
<b>3. APORIA DO ESCLARECIMENTO: CONSQUÊNCIAS DO PROCESSO DE ESCLARECIMENTO</b> .....	34
3.1 DOMINAÇÃO E BARBÁRIE/ REGRESSÃO AO MITO .....	34
3.2 COMPARAÇÃO COM ULISSES .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

É bastante comum após a leitura de uma obra qualquer, que o leitor identifique ou registre alguns traços de semelhanças dela com outra anteriormente. Essas semelhanças identificadas pelo leitor podem estar relacionadas aos personagens, aos acontecimentos, às histórias e temas muitas vezes os escritores a pesar serem de épocas diferentes, ou períodos estilísticos distintos.

O leitor sem nenhum conhecimento teórico, valendo-se apenas de sua subjetividade, e do seu objeto de leitura pode estabelecer elos com outra (s) obra (s), em especial com aquelas de cunho literário, comumente desprovidas de embasamento científico ou acadêmico. A comparação ou aproximação literária que o leitor estabelece entre duas ou mais obras, portanto, surge a partir de sua impressão subjetiva sobre o objeto de leitura. Nasce, dessa experiência a possibilidade de tratar das obras a partir da comparação, a partir da analogia, do confronto.

Para Brunel, Pichois e Rousseau (2012), a Literatura Comparada surgiu na Europa na primeira metade do século XIX, como uma ramificação da história da literatura. Enquanto esta se dedica tradicionalmente à averiguação das procedências e do desenvolvimento de uma literatura nacional em particular, a literatura comparada se deteve a estudar as (inter) relações entre a literatura nacional e estrangeira, buscando primeiramente influência entre a literatura nacional em relação à tradição literária estrangeira.

Em cada país onde se desenvolveram os estudos comparativos da literatura surgiram vários e diferentes vertentes ou desdobramentos dessa linha de pesquisa. Na França, onde se desenvolveram os pioneiros estudos de literatura comparada, enfocou-se as relações de causalidade entre as obras fazendo surgir a crítica genética. Essas pesquisas foram marcadas por uma busca de evidências a partir de conceitos como “imitação” e “influência” de uma obra sobre outra, potencializando uma análise positivista dos textos, o que resultou em uma desvalorização da obra secundária em relação à outra, qualificada como um subproduto, como cópia, como simulacro de uma obra original.

A Literatura Comparada, segundo de Zhirmunsky (1990) que defende que a literatura comparada não deve comprometer a singularidade do objeto de estudo, mas se deter aos pontos de similaridade e/ou de diferenças entre os objetos comparados. Dessa maneira, o estudo comparativo da literatura, para ser

realizado, deve tomar como princípio básico que haja pontos de similaridade e de diferença entre as obras e que estes possam ser estabelecidos independentemente de uma possível relação de causalidade existente entre duas ou mais literaturas.

Neste caso, o presente trabalho monográfico entende-se um estudo comparativo entre os escritos de Euclides da Cunha *Os Sertões*, com a obra *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno & Horkheimer, buscando demonstrar algumas similaridades e diferenças entre os autores na crítica ao projeto de Modernidade.

No caso de *Os Sertões*, Euclides da Cunha põe em dúvida os critérios e os pressupostos da Modernidade adotados pela então recém-estabelecida república brasileira que justificaram a repressão republicana violenta contra a revolta camponesa na região de Canudos (1987).

Euclides da Cunha procura destacar a hipocrisia desses princípios civilizados sutilmente disfarçados sobre a cândida boa-fé humanitária, que prometia a emancipação da ignorância e da pobreza do homem do sertão através do progresso e da ciência, mas que acabou resultando no massacre dos sertanejos sob pretexto de proteger a República do Brasil da revolta sertaneja de Canudos.

Paralelamente a isso, Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento* no âmbito da filosofia, questionaram as contradições do projeto emancipatório adotados pela sociedade ocidental, posteriormente à Segunda Guerra e aos massacres realizados pelos alemães nos campos de concentração. Para ambos, os pensadores, esses fatos foram aspectos mais sutis e agressivos marcaram contradição da razão instrumental e da ciência tecnológica, o que levou ao extermínio de milhões de pessoas, contrariando a promessa de emancipação humana e garantia da paz entre os povos, apontado tanto pelo Iluminismo e pelo Racionalismo Filosófico, fundadores da concepção de Modernidade.

O presente trabalho parte da seguinte problemática: quais seriam as possíveis semelhanças/diferenças existentes nas obras, no que diz respeito, a crítica ao projeto da Modernidade, em que medida e de que forma as obras tratam da noção de Modernidade e por consequência, da noção de civilização que ele emerge?

Essa comparação buscará divergências e convergências entre as críticas realizadas por ambos os autores ao projeto da racionalista da Modernidade que falhou em sua promessa de emancipação humana, por meio da racionalidade instrumental.

Dessa maneira, por se tratar de uma proposta comparatista destacaremos as particularidades dos textos em torno da temática em relação ao contexto distinto em que cada um está inserido, já que os textos são

reflexos das experiências particulares dos autores e de seu contexto histórico-social.

Nosso objetivo é, portanto, comparar alguns traços de semelhança da visão pessimista dos autores em relação às contradições quando apontar do projeto da Modernidade. Pois, seguindo nossa compreensão, tanto Euclides quanto Adorno e Horkheimer demonstram um pessimismo mútuo ante as promessas da Modernidade, reforçando que a mesma condiciona o homem um progresso acríptico e incoerente com sua proposta inicial de emancipação e prosperidade total.

Podemos enunciar nossa hipótese nos seguintes termos: ambos os autores apresentam uma desilusão ou desencantamento pelo projeto da Modernidade, uma vez que seu movimento dialético conduz a civilização não à emancipação desejada, mas a barbárie e ignorância que esta deveria erradicar. Euclides e Adorno apontam para um movimento dialético do projeto da Modernidade

Nos *Sertões*, quer nos parecer, a crítica ao projeto da Modernidade é resultado da indignação do autor ao massacre de Canudos, ocorrido no final do XIX, realizado pelo governo brasileiro como justificativa para a consolidação da modernização do país e do regime republicano. Enquanto, na *Dialética do Esclarecimento* a crítica dos autores sobre o projeto da Modernidade é ampla e generalista, pois o projeto se mostrou contraditório gerando um ofuscamento causado pela própria racionalidade puramente instrumental criada pelo cientificismo e um retorno à mitologia que visava combater.

Sendo assim, devemos fazer uma ressalva sobre a natureza desta pesquisa, pois não se trata de um estudo dos textos de Euclides da Cunha sob a ótica de Adorno e Horkheimer, mas um estudo comparativo entre as duas posições críticas entre os autores a partir da literatura comparada.

Compreendemos que o nosso trabalho a partir do que propõe Coutinho (2003), a pesquisa comparatista não deve buscar somente uma inter-relação de influência ou de contínuo entre textos, pois levaria a supervalorização de um, em favor da depreciação de outro, mas procurar estabelecer, “mas procurar estabelecer um diálogo intertextual entre os textos, buscando bases acadêmicas que justifiquem a diferenciação singular de cada obra em questão, justificando o(s) tema(s) como ponto de contato para a similaridade entre as obras” (COUTINHO, 2003, p.09).

Procuraremos, portanto, preservar a integridade e a singularidade de cada um desses autores, sem desprestigiar ou supervalorizar um texto em relação ao outro. Deste modo, privilegiaremos a perspectiva crítica dos autores em suas respectivas obras.

O presente trabalho, então é um desdobramento de uma pesquisa comparativa desenvolvida na monografia, defendida em 02/07/ 2012, intitulada “Entre *Facundo* e *Os Sertões*: uma aproximação literária”, sob a orientação do prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes. Durante a pesquisa monográfica foi destacada as similaridades/diferenças em torno da tríplice temática das obras: a descrição do meio físico, a caracterização do habitante e o conflito social em decorrência da guerra civil.

Porém desta vez, com a finalidade de um aperfeiçoamento na pesquisa literária comparada vinculada na área de Estudos Literários, na linha de Perspectivas Teóricas no Estudo da Literatura, o presente trabalho abordará a posição crítica dos autores, por meio de um estudo comparativo das obras, evidenciando como os distintos conceitos sobre a temática estruturados em cada uma dessas obras.

Com o intuito de seguir o objetivo do trabalho, no primeiro capítulo, discutiremos sobre o conceito de Modernidade a partir de uma abordagem teórica sobre seus pressupostos, procurando demonstrar como o conceito de racionalidade serviu e base para a construção da Modernidade. Para isso, escolhemos tratar de alguns conceitos de obras de filósofos e cientistas europeus, que constituíram as bases da chamada Modernidade, tais como: Bacon (1979), René Descartes, (1997)(1998) e Immanuel Kant (1985). Além também discutiremos as contradições que levaram o projeto da Modernidade a ser questionado por autores, como Anthony Giddens, (1991), Boaventura de Sousa Santos (2002), Alain Touraine (1994), e Marshall Berman (1982), que fornecerão um quadro epistemológico e teórico sobre as consequências do projeto da Modernidade e seu processo.

No segundo capítulo, trataremos de alguns aspectos do contexto social em que os autores dos *Sertões* e da *Dialética do Esclarecimento* estavam envolvidos, considerando previamente, a particularidade de cada autor, na tentativa de esboçar sua crítica sobre o ideal de esclarecimento ou iluminismo, que visava emancipar e garantir um progresso benéfico. Privilegiando, o contexto sócio histórico distinto em que foram produzidas as obras. Entendemos que esse procedimento seja necessário para que possa entender que a crítica dos autores está relacionada à incoerência entre os princípios e os meios de tal projeto civilizatório, baseados unicamente em racionalidade instrumental e em dicotomias, que impõem coerção por meio da violência e da barbárie, sobre aqueles que não se enquadram aos padrões da civilização dessa racionalidade.

No terceiro capítulo, no terceiro e último capítulo comparemos algumas posições críticas do a partir da comparação das obras , sendo, portanto viável a utilização da pesquisa bibliográfica tendo como *corpus* para a análise de conteúdo *Os Sertões* (2009, de Euclides da Cunha e, outros textos do autor que fazem alusão à guerra de Canudos (1896-1897) e obra *Dialética do Esclarecimento*(1985), de Adorno e Horkheimer, como isso buscamos demonstrar que ambas os autores independentemente criticam o fato em suas respectivas áreas: um da filosofia e outra na literatura demonstrar que os avanços científicos e a novas tecnologias não contribuiriam para a emancipação do homem acarretaram em um desumanização do homem.

## 1.FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA MODERNIDADE

Neste primeiro capítulo, iremos descrever alguns pressupostos que subjazem concepção de Modernidade. Segundo nossa hipótese, esse conceito novo é orientado um por conhecimento pautado pela formulação de leis ou teorias, e uma interpretação teórica da realidade, a partir da ideia de ordem e estabilidade no mundo e da racionalidade como maneira de explicar os fenômenos naturais.

Para isso, escolhemos tratar de alguns conceitos de obras de filósofos e cientistas europeus, que estabeleceram as bases desse paradigma, tais como: *Novum Organum* (1979), de Francis Bacon que expressa a potencialidade da ciência moderna no domínio sobre a natureza. Além disso, utilizaremos o *Discurso do Método* (1997), *Meditações* (1987) e *Princípios da Filosofia* (1998), de René Descartes, nos quais o autor defende a compreensão da realidade por meio da alteração das partes e o uso da razão como ferramenta de compreensão, e por fim, o opúsculo *Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)?* [1985], de Immanuel Kant, que defende a emancipação do homem da tutela das forças obscuras da natureza por meio de um elogio ao entendimento.

A seguir, iremos realizar uma abordagem preliminar de alguns elementos que podem ser vistos como falhas do projeto da Modernidade durante o século XX. O objetivo é descrever alguns percalços do projeto que ficaram implícitos, como o surgimento do sujeito emancipado (subjetividade) do conhecimento mítico, mas que, entretanto tornou dependente da racionalidade instrumental.

Para isso, usaremos ainda como *corpus* teórico as obras, de alguns críticos do conceito de Modernidade, como: *As Conseqüências da Modernidade* (1991), de Anthony Giddens, *A Crítica da Razão Indolente* (2002), de Boaventura de Sousa Santos, *Crítica da Modernidade* (1994), de Alain Touraine *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982), de Marshall Berman. Esses autores forneceram um primeiro quadro epistemológico e teórico sobre as conseqüências do projeto da Modernidade e seu processo de racionalização da realidade e subjetivação do indivíduo.



## 1.10 QUE É MODERNIDADE FILOSÓFICA? ONDE COMEÇA?

Para compreendermos o que é o projeto da Modernidade e como ele foi construído, precisamos entendê-lo como uma rupturado estado natural, das crenças, da superstição e da dependência do homem, devemos compreender a Modernidade como a entrada do homem dominador da natureza, pelo pensamento racional.

Dentre os filósofos do século XVII, Francis Bacon expressa na obra *Novum Organum* (1979), que através da nova ciência baseada na indução e dedução, na observação da natureza e, sobretudo na experiência, podemos construir um conhecimento que pudesse dominar a natureza. Nesta obra, Bacon afirma que a ciência moderna com esse método para dar ao homem o domínio sobre a natureza.

Nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, logram muito. Todos os feitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de que dependem, em igual medida, tanto o intelecto quanto as mãos. Assim como os instrumentos mecânicos regulam e ampliam o movimento das mãos, os da mente aguçam o intelecto e o precavem (...). Ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra na prática. (BACON, 1974, p.13).

De acordo com pensamento, a ciência passaria então ocupar um lugar privilegiado como detentora e promotora desse projeto de emancipação humana idealizado pelo esclarecimento, ciência em que conduziria a materialidade, portanto, fazer empírico e teoria, portanto, ação intelectual. Para Bacon (1974), o ser humano ainda estaria preso a fundamentos filosóficos e científicos equívocos que bloqueiam o conhecimento. No aforismo (XXXVIII), Bacon afirma que o homem ainda condicionado a pensamentos e conceitos filosóficos equivocados que estorvam o entendimento:

Os ídolos e nações falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados, não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculos à própria instauração das ciências (BACON, 1979, p. 20).

Para Corbisier (1997), o objetivo Bacon era demonstrar que o novo método científico acessível a todos permitiria uma análise completa da natureza. A proposta de Bacon visa um processo de desmitologização e reificação da própria natureza, tornando-a como a partir de então um objeto do cálculo racional. Tal proposta divulgada por Bacon pretendia estabelecer um caráter essencialmente experimentalista, baseada na observação da natureza. Essa nova concepção de ciência estipulada por Bacon, abrange o entendimento pela razão experimental, ao desqualifica outras formas de conhecimento:

Não é diferente o labor da verdadeira filosofia, que se não serve unicamente das forças da mente, nem tampouco se limita ao material fornecido pela história natural ou pelas artes mecânicas, conservado intato na memória. Mas ele deve ser modificado e elaborado pelo intelecto. Por isso muito se deve esperar da aliança estreita e sólida (ainda não levada a cabo) entre essas duas faculdades, a experimental e a racional (BACON, 1979, p. 52).

A nova concepção de razão experimental afirma que os indivíduos não deveriam mais temer os enigmas, os mistérios ou fenômenos da natureza e, muito menos, aquilo que os impediam ou evitariam de se tornarem sujeitos capazes e conscientes de compreender fenômenos naturais e de torná-los aptos a compreender a realidade. Conhecimento passa a ser conjugação de experiência e razão.

Bacon, o filósofo do desencantamento do mundo, propõe a subordinação ou submissão da natureza à razão, por considerar que nesta reside a superioridade do homem em sua capacidade de saber e, por isso, tem o poder de dominar seu mais temeroso oponente: a natureza, que representa nada mais do que aquilo que não se pode compreender. “Ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra na prática” (BACON, 1979, p.16).

Para isso então, Bacon defende uma reformulação da ciência inepta e insegura que não tem um método cômodo, com o objetivo de poder dominar a natureza, dominando-a para a própria benfeitoria da humanidade.

Deste modo, o método científico, recomendado por Bacon (1979), deveria ter como objetivo a busca da verdade, entretanto não como um recurso que nos induzisse às causas primeiras, ao transcendente e à metafísica, como aparece aos pensadores escolásticos da Idade Média, que seguindo o silogismo de Aristóteles, se

antes, a ciência prende-se a fazer meditações e especulações, agora é preciso arquitetar um aparato tecnológico, isto é, instrumentos/ técnicas que amparem e ampliem o poder do intelecto oriundo ao empirismo e à experimentação.

Nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, logram muito. Todos os feitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de que dependem, em igual medida, tanto o intelecto quanto as mãos. Assim como os instrumentos mecânicos regulam e ampliam o movimento das mãos, os da mente aguçam o intelecto e o precavêm [...]. Ciência e poder do homem coincidem (BACON, 1988, p. 13).

Bacon expressa objetivamente um tecnificação da razão através de projeto que visa buscar conhecimento que produz explicações autênticas já que os clássicos antigos, com os seus métodos, embaraçavam ou precaviam a relação de domínio do homem sobre a natureza. O grande desafio para o autor é a elaboração de uma atividade reflexiva e experimental que possibilitasse admitir a natureza e ter domínio sobre ela, cujo efeito seria a ascensão do bem-estar do homem, do ponto de vista prático.

A contribuição de Bacon para a concepção do modelo de Modernidade, constitui-se no estabelecimento das bases primordiais da ciência empirista que colocaria o homem na posição de dominador da natureza, podendo dessa maneira apreciar e descobrir a verdade por meio de métodos comprovados pela observação e não de abstrações lógicas. Essa perspectiva pode ser entendida a partir da subsídio teórico de outro pensador europeu que igualmente contribui para a idealização do projeto da modernidade: o filósofo francês René Descartes (1596-1650).

René Descartes sistematizou um conjunto de ideias que repercutiu diretamente na formação do padrão da modernidade, principalmente sobre pilares fundamentais da ciência e da tecnologia. Se em Bacon, a ciência propende, agora, não só ao conhecimento teórico, a partir da prática ou empirismo, em Descartes, por sua vez, a ciência deve tornar-nos senhores complementados e inquestionáveis da natureza, através do método racional e seguro que nos conduza a verdade.

Descartes, em seu livro *Meditações* (1987), volta-se para a construção de uma visão de mundo que toma a dúvida e o isso com o método com o objetivo de alcançar a certeza absoluta e concreta das coisas. Assim ele começa as suas *Meditações* que sintetizam bem o seu percurso e seu objetivo:

[...] há algum tempo eu me apercebi de que, desde os meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não pode ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências (DESCARTES, 1987, p. 17).

Essa busca pelo do método seguro e infalível está estaria exposta em outra obra sua, intitulada *Discurso do Método* (1998). Nesta obra, Descartes define que para o estudo metódico deve ser voltado para buscar a verdade. Nessa obra cartesiana algumas ideias e concepções que vão caracterizar todo um período filosófico, sistematizando uma nova maneira de pensar.

Descartes parte do pressuposto de que as demonstrações, a solidez e a clareza presentes das fórmulas matemáticas que poderiam oferecer verdades perenesseguras sobre o universo e o conhecimento claro e infalível sobre todas as coisas. Descartes foi seduzido pelas matemáticas, devido às certezas e à evidência de suas razões

Confesso francamente que nas coisas corporais a única matéria que conheço é *aquela que pode ser dividida*, representada e movimentada de todas as maneiras possíveis, isto é, aquela matéria a que os géometras chamam quantidade e que é objecto das suas demonstrações; nesta matéria só considero as suas divisões, figuras e movimentos. *E, enfim, ao tratar deste assunto só tomarei verdadeiro aquilo que tiver sido deduzido com tanta evidência quanto for considerado uma demonstração matemática.* E uma vez que o processo permite explicar todos os fenómenos da Natureza, verificará pelo que segue, não penso que devamos aceitar outros princípios na Física, nem aliás devemos desejar outros para além daqueles que aqui se explicam (DESCARTES, 1998, p 46), (grifo nosso).

De acordo com este método a descoberta da verdade, que o autor para a filosofia, aconteceria através da demonstração matemática. Essa era a ideia, anunciada no texto *Discurso do Método*, que reformula de maneira contundente as proposições de Francis Bacon, de tal forma que o século XVII, marcado pela doutrina cartesiana, costuma ser caracterizado como a “era do método”, o método científico indicado por René Descartes. A partir de então, a busca do conhecimento verdadeiro deve estar fundada em um método e em bases sólidas que não o abalem. Essa base é o pensamento cartesiano Segundo Descartes (1998), a realidade torna-se compreensível pela decomposição das partes que a estruturam ou que

estabelecem. Dessa maneira, o método cartesiano tende a explicar o mundo partir da análise fragmentada de suas partes, no qual possa se pautar para que sua razão não se perca em caminhos obscuros que o levem ao engano, a exemplo daquilo que criticou nos saberes de seu tempo. Para ele, todos nasceram com a mesma capacidade de pensar. Esse é um pressuposto de sua filosofia que deve ser levado em conta. Todos os homens são munidos de uma qualidade que os distingue dos outros animais: a razão ou capacidade de raciocinar.

Considerando,

portanto, essa junção bem sucedida da ciência experimental de Bacon com o método de Descartes, fundado na demonstração matemática, originou-se o casamento feliz entre a observação empírica da natureza e a técnica que produz verdade científica através do cálculo, que irá formar-se a expressão de um modo de ver o mundo que a tudo quer e pode dominar.

Dessa

maneira, o homem pode romper com a superstição e do mito. O mundo a partir do século XVII passa a ser considerado um mundo mecânico, governado por princípios e leis matemáticas estáveis e sólidas, construções a partir de observações passíveis de cálculo, o que irá permitir construir um projeto para reconstrução do mundo físico através da ciência e técnica, marcado pelo conhecimento abstrato de todas as coisas, e que fornecerá a base do que chamamos aqui de Modernidade.

### 1.30 PROJETO DA MODERNIDADE: UMA SAÍDA DA MENORIDADE

O projeto de construção de Modernidade, contudo não se restringia somente ao domínio sobre a natureza através de um método científico em especial, mas há num projeto de iluminação ou esclarecimento da humanidade, pela razão, tendo a ciência como seu instrumento de emancipação do homem por meio da racionalidade.

Tal posicionamento era defendido pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1765-1804), no seu opúsculo Resposta à pergunta: que é esclarecimento (1785), no qual podemos então, conceituar a posição privilegiada do homem, como dominador da natureza através do método científico, com a posição de Immanuel Kant sobre o processo de esclarecimento da humanidade.

Para o filósofo Kant (1785), o homem do século XVIII ainda se encontrava em estado de oprimido devido ao seu desconhecimento sobre as forças obscuras da natureza, e, sobretudo tutelado pelo medo do desconhecimento.

Esse estado ou condição humana para Kant consistia em sua

própria menoridade ou imaturidade da qual não se consegue usufruir do próprio entendimento. Tal condição deverá ser emancipada pela luz do entendimento para que o homem conseguisse a sua independência em relação ao desconhecido e oculto. Conforme diz o filósofo em suas próprias palavras:

Esclarecimento(Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (KANT, 1985, 65).

Para Kant (1985), a posição de menoridade humana ainda não emancipada pelo esclarecimento é uma espécie de condicionamento a superstição e ignorância que deve ser rompida através do uso da razão. A razão deve não deve então se orientar-se no que se relaciona à proteção do conhecimento seguindo princípios exteriores ao sujeito, nem deve seguir princípios subjetivos.

Com efeito, a proposta orientada por Kant (1985) visava à busca pelo entendimento por uma de racionalidade que desvinculada do pensamento religioso ou mítico, do qual o homem se encontrava dependente, para que isso acontecesse se fazia necessária a expansão do domínio da razão, que provocaria uma liberdade esclarecedora sobre a obscuridade opressora.

Kant, então atualiza o projeto iniciado por Bacon e Descartes demonstrando que o projeto da racionalidade pode proporcionar uma emancipação para o gênero humano gradual e ampla. O esclarecimento que serve de baseando e funde as bases do conhecimento dos objetos do mundo uma racionalidade transcendental que toma o lugar do Deus transcendental medieval.

### 1.3 OS PERCALÇOS DA MODERNIDADE: DESCONTINUIDADES E CONTRADIÇÕES

O projeto da Modernidade, tal como foi idealizado e proposto, pelos filósofos abordados foi negada pelas próprias condições sociais da Modernidade. A promessa de que uma razão implicaria mais liberdade, mais justiça e mais igualdade por terá. A razão torna-se instrumento de acumulação de capital e não um meio de realizar a justiça social. Este rompimento tem sido identificado como uma “crise da modernidade”, que

se referente ao abalo sofrido pelos fundamentos teóricos da própria Modernidade, no discurso dos séculos subsequentes.

Nesse quadro, é comum diferenciar-se da Modernidade fracassada, com a autodenominação de Pós-Modernidade, porque este compreende principalmente não as condições sociais diferenciadas, como também novos modelos propostos interpretativos da sociedade.

No entanto, discordamos desse conceito que divórcio ou como ruptura brusca entre a Modernidade e Pós-Modernidade, em favor da concepção de do que, ao contrário, que se pensa, a Pós-Modernidade constitui-se na verdade, uma “radicalização da modernidade”, ou “hipermodernidade” na linha de Giddens(1994):

Ao invés disso, temos que olhar novamente para a natureza da própria modernidade a qual, por certas razões bem específicas, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas ciências sociais. Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é ‘pós-moderna’; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de ‘pós-modernidade’ (GIDDENS, 1994, p.09).

Nesta direção e sentido, a Pós-Modernidade não é encarada aqui como uma superação da Modernidade, mas como sua radicalização ou como forma de auto elucidação do pensamento moderno que expõe a falha do projeto iluminista através da racionalização do mundo e de consequências sociais.

Parafrazeando Guiddens (1991), optamos por definir as contradições da Modernidade e de seu processo histórico do ponto de vista das discontinuidades, das contradições e dos desequilíbrios que tem a caracterizado. Nesta direção e sentido, optamos por se distanciar de uma concepção linear e evolucionista tão restritiva.

Outro pensador que podemos incluir numa perspectiva é Boaventura Santos (2002), que argumenta que a Modernidade pretendia um desenvolvimento harmonioso e recíproco entre dois pilares diferindo radicalmente das sociedade pré-moderna: o pilar da regulação, constituído do Estado, pelo princípio de mercado e pelo da comunidade, e o pilar da emancipação, constituído pela articulação de duas dimensões; a) da racionalização do cálculo; b) secularização da vida coletiva, através do triunfo da racionalidade instrumental.

Tal como foi possível descobrir as leis da natureza, seria igualmente possível descobrir as leis da sociedade. São hoje muitos e fortes os sinais de que o modelo de racionalidade científica, que acabamos de descrever em alguns de sus traços, atravessa um aprofunda crise (SANTOS, 2000, p. 56).

De acordo com Santos (2002), tal projeto modernizador não propiciou satisfatoriamente a emancipação humana, pois, historicamente na medida que se articularam que aumentava a dependência da racionalidade cognitiva-instrumental da ciência e da técnica, que desenvolveu-se em detrimento das demais formas de conhecimento.

Outro pensador que se deve destacar é Allian Touraine (1994), que, ao que se refere à esse discursão argumenta que a sociedade esclarecida ou Modernidade se identifica através de duas características particulares: a) a racionalização do mundo e b) emergência do sujeito. Esses dois conceitos estão imediatamente relacionados entre si, pois o surgimento da Modernidade não pode ser puramente restringido aos interesses do capitalismo surgido no século XVIII, mas sim a separação do sujeito, emancipado da tutela divina pela racionalidade iluminista, e o conhecimento objetivo das coisas.

Touraine(1994) também define que a concepção ocidental de Modernidade pode se confundir com uma concepção puramente endógena da modernização. Esta não é invenção de um despota esclarecido, de uma revolução popular ou da vontade de um grupo dirigente; ela é obra da própria razão e, destarte, principalmente da ciência, da tecnologia e da educação. As práticas sociais de modernização não devem ter outra finalidade que o de desafogar o caminho da razão extinguido as regulamentações, as defesas corporativas ou das barreiras alfandegárias. Elas forneceram a segurança e a previsibilidade de que o empresário que carece e formando administradores e operadores competentes e conscienciosos.

Em uma análise próxima as outros autores citados, Berman (1982) afirma que o processo de ruptura do sujeito da ordem transcendental por meio da racionalidade não resultaria em um triunfo completa da razão ou em uma emancipação completa da humanidade, mas resultaria em consequências nefastas para gênero humano devido a sua falha na promessa de emancipação, devido a submissão do sujeito a racionalidade instrumental:



A modernidade ou é vista com um entusiasmo cego e acrítico ou é condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença neolímpica; em qual quer caso, é sempre concebida como um monólito fechado, que não pode ser molhado ou transformado pelo homem moderno. Visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas: Isto e Aquilo substituídos por Isto ou Aquilo. As polarizações básicas se manifestam exatamente no início do nosso século (BERMAN, 1982, p.19).

Berman (1982) destaca que a introdução do homem na Modernidade acontece de maneira trágica pois a substituição da ordem transcendental pela racionalidade instrumental acontece de maneira radical e drástica para o ser humano.

Dessa maneira, portanto, ao destacarmos a compreensão desses autores sobre a o projeto da Modernidade para destacarmos como um projeto falho em sua promessa de emancipação humana não cumprida, o que gera um mal-estar ou decepcionamento com a Modernidade que pode ser compartilhada por outros autores e escritores que abordaram a (s) falha(s) do projeto da Modernidade, como Euclides da Cunha, escritor brasileiro, e Adorno e Horkheimer, filósofos alemães.

## **2.PONTO DE PARTIDA DOS AUTORES: O CONTEXTO HISTÓRICO**

Sendo o objetivo desse trabalho comparar as posições críticas de Euclides e Adorno e Horkheimer, neste capítulo, apresentaremos a comparação ente o contexto histórico e social que cada autor estava socialmente envolvido. Para isso, utilizaremos como subsídio específico teórico da de Angel Rama (1985) NicolauSevcenko (1999), para demonstrar que foram os pressupostos da Modernidade se tornaram fecundos em ambientes urbanos, de onde provêm Euclides da Cunha. Discutiremos também sobre o contexto dos autores Adorno e Horkheimer a partir da contribuição de autores como Duarte (2009), Bahia (2007) e Mass (2011).

### **2.1 CONTEXTOS PARTICULARES DAS OBRAS: O CONTEXTO URBANO, AS LETRAS E A CIVILIZAÇÃO: ASCENÇÃO DA CIDADE.**

De acordo com Sevcenko (1999), com a disposição do Imperador Dom Pedro II, por meio de golpe de estado realizado pelas forças armadas brasileiras, em meados de 1889, o Brasil sofre um grande processo de reajustamento político nas estruturas do governo marcado pelo fim o período do império e com o surgimento da República, proclamada no mesmo ano.

Mas esse reajustamento tambémfoi social, pois segundo o autor, com a vinda do regime republicano iniciou-se um processo de modernização da capital da época (cidade do Rio de Janeiro) através da inauguração de avenidas sofisticadas, ampliação dos portos, incremento do comércio e implementação de um sistema sanitária voltada para o combate as doenças e epidemias, que antes se alastrava pela capital do antigo Império:

O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do

Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio. Essa atitude cosmopolita desvairada adentra por quase todo esse período, exercendo placidamente a sua soberania sobre as imaginações. Pelo menos até o fim da I Guerra Mundial, não há quem conteste a lei natural que fez de Paris ‘o coração do coração do mundo’ (SEVCENKO, 1999, p. 24).

A necessidade era transformar da capital do país em um ambiente uma cidade sob os moldes ou padrões europeus da época. Esse processo de entrada do Brasil na Modernidade contudo aconteceu de maneira tardia e compulsória em relação a outros casos no continente americano (SEVCENKO, 1999). Tal processo resultou na materialização dos bairros, instalação de iluminação pública, higienização dos bairros da cidade e marginalização das camadas mais baixas da população.

Esse processo de modernização não era restrito as cidades, mas era irradiado pelas mesmas elas. Rama (1985) cita que a cidade se torna um centro difusor da ordem, das normas, das leis, da racionalização do trabalho, da educação e, por seguinte, do poder absolutista barroco. Segundo Rama, a cidade barroca se torna um centro produtor de signos linguísticos que transmitem o poder da escritura, que até representavam uma inovação diante das sociedades ágrafas pré-colombianas:

A esta se conferia a alta missão que se reservou sempre aos escrivães *dar fé*, uma fé que só podia proceder da palavra escrita, que iniciou sua esplendorosa carreira imperial no continente. Esta palavra escrita viveria na América Latina como a única válida, em oposição à palavra falada que pertencia a reino do inseguro e do precário (...) a escritura possuía rigidez e permanência, um modo autônomo que arremedava a eternidade. Estava livre das vicissitudes da história, mas sobretudo, consolidava a ordem por sua capacidade de expressá-la rigorosamente ao nível cultural (RAMA, 1985, p.29-30).

De acordo com Rama (1985) e Sevcenko (1999) a literatura se torna o principal veículo desse discurso não só por que os escritores e intelectuais se tornaram funcionários da administração colonial, mas por que sua posição na *cidade letrada*, conforme o próprio Rama cunha o termo, implicava que a produção escrita que estevesse sempre além da administração colonial.

O papel desses intelectuais na produção literária representava uma maneira de impor a escritura sobre a oralidade proveniente da sociedade rural, contudo a literatura jamais será capaz de negá-la totalmente. Ou seja, a literatura representa um instrumento bem sucedido do discurso da Modernidade, pois tem como foco irradiador a *cidadeletrada* transplantada e moldada segundo os moldes europeus, que se opõem as sociedades rurais que privilegiam a oralidade.

Ainda de acordo com Sevcenko (1999), cabia então a elite intelectual da época, profissionais liberais, poetas, jornalistas e escritores o papel de promover a inserção do país na Modernidade através do combate a ignorância, ao analfabetismo.

Ao presenciar toda brutalidade da Guerra de Canudos no sertão brasileiro, como correspondente de guerra, Euclides começou a duvidar desse conceito projeto de modernização e a expressar sua indignação contra a forma de como esse processo civilizatório ocorreu no sertão brasileiro no final do século XIX. Euclides, Em meio a essa mudança na qual passa o país, um conflito armado surgido no interior do estado XIX marcaria sensivelmente. “Vimos no qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes. E Canudos era a Vendéia” (CUNHA, 1985, p. 242). De acordo com Silva (2012), o episódio de Canudos começa em 1896, com conflito armado iniciado entre o Estado republicano brasileiro e a comunidade rural do Monte Santo. Diante do fracasso das duas expedições estaduais organizadas pelo governo baiano, que tinha como objetivo reprimir o início de uma pequena revolta popular, insuflada pelo seu líder local Antônio Conselheiro, beato e chefe religioso da comunidade, o governo federal envia, no ano seguinte, uma terceira expedição regular com o efetivo de aproximadamente de 1300 soldados de linha para destruir Canudos.

As tropas sob o comando do coronel Moreira César, indivíduo que Euclides imortalizou ironicamente em sua obra com inúmeras críticas devido aos erros durante a campanha: “De figura diminuta- um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parêntese-, era organicamente inapto para a carreira que abraçara” (CUNHA, 2007, p. 317). A expedição de Moreira César foi derrotada tendo o comandante perecido em batalha, logo depois, os soldados diante uma derrota inesperada, em fuga generalizada abandonaram pelas estradas armamento, munição, provisões, feridos, mortos e inclusive o cadáver do seu comandante.

Diante de tal fato humilhante, o governo envia uma nova força expedicionária com mais de 7000 homens com artilharia de grosso calibre, milhões de

cartuchos de reserva e contingentes de soldados provenientes de diversos estados com o objetivo de vingar o exército, a República, recentemente criada, os princípios progressistas e racionalistas, e destruir completamente Canudos, para salvaguardar o Estado da instabilidade interna. Isso ocorre no final de setembro de 1897, diante de um massacre da população do arraial, onde, segundo Euclides, “ninguém deu quartel, assim como ninguém pediu” (EUCLIDES, 1985, p. 456).

Diante de tal clima patriótico tão alardeado por todo o país, Euclides representava uma figura ímpar no cenário, pois se questionava o propósito de tal campanha contra Canudos ou “a luta, digamos com mais acerto, uma monteria a homens, uma batida brutal em torno à ceva monstruosa de Canudos” (CUNHA, 2009, p.287).

A posição de Euclides da Cunha, como observador crítico da realidade sertaneja e do conflito armado na região de Canudos, projeta um ideal de civilização, analisa empiricamente os conceitos de civilização de sua nação, sem nenhum vínculo intelectual como nenhum grupo literário ou muito menos com grupo de ativismo político. Como esse o processo ocorreu singularmente na formação histórica brasileira da época, tomando por base de estudo o conflito armado de Canudos no interior do sertão baiano, em 1897.

Euclides põe em dúvida os ideais de progresso e bem-estar que a República do Brasil. A crítica de Euclides agora se volta à comunidade intelectual da qual o próprio faz o parte. Para Euclides, a elite intelectual nacional é incapaz de compreender as contradições desse processo e assim como abandona sua capacidade autorreflexão em copiar grosseiramente o modelo de civilização esclarecida da Europa.

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. **Iludidos por uma civilização de empréstimo;** respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos (CUNHA, 2009, p. 236- 237) (grifo nosso).

Está obvio para Euclides que adoções princípios civilizatórios justifiquem uma guerra civil no interior onde grande parte da população se encontrava isolada ou esquecida por três séculos do resto país por sua região inóspita e pouco explorada, devido uma má compreensão da realidade social por uma *civilização de empréstimo*, localizada no litoral, baseada em princípios europeus tão necessários para a vida em sociedade. No caso do Brasil, o projeto da Modernidade foi realizado de forma compulsória e tardia pela recém-fundada república do Brasil:

(...) Vimos no agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes (CUNHA, 2009, p. 236- 237) grifo nosso.

Segundo Bolle (2004), nos *Sertões* existe a noção de uma nação dilacerada ou dividida pela oposição real entre o litoral, centro político e econômico, com uma desarmonia com o sertão, uma sociedade atrasada e retardatária, sem nenhum, portanto traço de unidade nacional, o que foi reforçado por uma luta fratricida em meio a um contexto social inexistente.

Diante de tal fato, Euclides da Cunha se destacou pela popularidade que seu livro, *Os Sertões*, no qual afirma que o projeto da Modernidade foi contraditório em sua proposta inicial de levar o bem-estar e o progresso para todos, pois acabou ocasionado uma guerra civil e o extermínio da população sertaneja no final do século XIX, no interior da Bahia.

## 2.2 CONTEXTO SOCIAL DA *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO*

Cerca de cinquenta anos após o evento de Canudos, *Dialética do Esclarecimento*, escrita na Califórnia numa parceria entre de dois alemães refugiados: Adorno e Horkheimer e publicada posteriormente durante a guerra e publicada em Amsterdã em 1947, traz a marca da construção da Teoria Crítica, por vezes, para uma perspectiva de emancipação da sociedade e da razão, mas principalmente por uma crítica de “denúncia”, influenciada pelos acontecimentos históricos que os autores experienciaram com perseguição aos opositores do regime

fascista. A experiência nazifascista na Alemanha e na Itália, o socialismo (stalinismo opressor) e a cultura de massas nos Estados Unidos são todos totalitários e, nesse sentido, são frutos de um espírito decadente, de uma racionalidade formal e instrumental. Rodrigo Duarte (2009) com exatidão, afirma que:

Composto entre o pessimismo histórico e o otimismo racional, a obra fornece sua força teórica na exposição da transição do mundo nazista ao administrado e na temporalidade herdada dos anos 40, marcada pela guerra fria, pelo totalitarismo e autoritarismo sempre crescentes e renovados em todos os continentes. As guerras e conflitos posteriores ao nazismo não são, para os autores, “meros incidentes históricos” (DUARTE, 2009, p. 13).

Mas esse esclarecimento se mostrou contraditório gerando um ofuscamento causado pela própria racionalidade puramente instrumental criada pelo cientificismo e um retorno a mitologia que visava combater. Para Adorno e Horkheimer o programa ou projeto do esclarecimento fracassou: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandeceu sob o signo de uma calamidade triunfal” (Adorno, Horkheimer, 1985, p. 19).

Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos. Quaisquer que sejam os mitos de que possa se valer a resistência, o simples fato de que eles se tornam argumentos por tal oposição significa que eles adotam o princípio da racionalidade corrosiva da qual acusam o esclarecimento. O esclarecimento é totalitário (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 25).

Não noutro sentido, Fraga (2013), argumenta que o conceito primordial do esclarecimento para os autores está ligada as raízes da humanidade, representado inicialmente pelo entrelaçamento entre o mito e a racionalidade. Dessa maneira, conseguinte, como fio condutor de nossa pesquisa esse caráter dialético do mito: a autoconversação e o sacrifício como a forma de reversão ao mito.

Na medida em que, pelo menos em sua procedência grega, o mito já se configura como modo de exposição, de fixação e de elucidação do que até então era enigmático ao pensamento ocidental. Já que seu objetivo era ilustrar sobre o conhecimento do

incógnito. O mito também corresponde, na concepção dos autores, em uma experiência ou a um germe da racionalização do conhecimento, já vindos dos gregos e anteriores ao processo de formalização e de matematização do mundo, iniciado com o a racionalidade iluminismo, que acaba por reverter novamente em mito.

Para os pensadores, o projeto da Modernidade pretendia esclarecer ou elucidar a humanidade através de um processo de desencantamento do mundo e dos seus fenômenos naturais. Se antes o homem estava a mercê da natureza devido ao seu estado de ignorância ou desconhecimento ante os fenômenos, catástrofes e outros prodígios naturais, dos quais ele não poderia prevê nem dominar. Agora devido aos avanços da ciência e da técnica o homem poderia racionalizar e controlar matematicamente a natureza e domina-la para seu próprio bem-estar.

O domínio da natureza garantia projeto da Modernidade poderia torna o homem desencantando-se assim de todos os mitos, superstições e credices irracionais sobre a realidade. Esse objetivo de esclarecer a humanidade através de racionalização da natureza permitiria transforma-la em objeto da racionalidade do mundo e dos fenômenos naturais. Tal esclarecimento o homem compreende-se cientificamente processo seria possível devido aos avanços da ciência e da técnica estabeleciam livrando o homem da tutela da superstição e da ignorância.

Duarte (2009) cita que esse processo de esclarecimento ou iluminismo não uma época histórica determinada, mas um processo gradual e amplo que visava emancipar os homens dos mitos o esclarecimento dos tempos modernos, portanto esteve desde o começo sob o signo da radicalidade: é isso que o distingue de todas as etapas anteriores da desmitologização.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele (ADORNO, HOKHEIMER, 2012, p. 21)

No caso de Adorno e Horkheimer (1985), o mito não pode ser considerado uma forma conhecimento ingênua, supérflua e errônea conforme era tradicionalmente definido pelo próprio esclarecimento, pois o mito enigmática da Mitologia.



Condizentes, em parte, com essa percepção estão os pensadores marxistas Adorno e Horkheimer, em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), *Excursão I*, na qual propõem estudar o mito como uma espécie de *infância* da razão da humanidade: anterior ao nascimento da técnica e ao surgimento da Filosofia grega.

Para esses pensadores, o mito é uma explicação ordenada sobre os fenômenos e mistérios; os quais então já estavam sem um esclarecimento persuasivo para o homem antigo. No prefácio da obra, os autores já afirmam: “O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.25). Considera-se com isto que há uma dialética existente entre o esclarecimento humano e a mitologia grega, baseada nos conceitos de sacrifício e de renúncia, recorrente na epopeia *Odisseia*, atribuída ao poeta grego Homero.

### **3. APORIA DO ESCLARECIMENTO: CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DE ESCLARECIMENTO**

Neste capítulo, discutiremos, a consequências do projeto da Modernidade a perspectiva de cada obra em questão a partir da literatura comparada como metodologia de pesquisa, sendo, portanto viável a utilização da pesquisa bibliográfica tendo como *corpus* para a análise de conteúdo *Os Sertões* (2009), publicada originalmente em 1902, de Euclides da Cunha e, demais textos do autor que fazem alusão à guerra de Canudos (1896-1897) e obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), de Adorno e Horkheimer.

Queremos comparativamente deliberar sobre as apreciações sobre a temática civilizatório nas obras para nos valeremos da leitura exploratória de outras obras, teses e artigos disponíveis em sites especializados que abordam as posições críticas desses autores. Selecionaram os textos que contribuem diretamente para a solução do problema proposto, com o intuito de uma análise qualitativa do conteúdo, para então analisar e interpretar as fontes bibliográficas selecionadas.

#### **3.1 DOMINAÇÃO E BARBÁRIE/ REGRESSÃO AO MITO**

Para Adorno e Horkheimer (1985), a principal indagação que assumem em sua obra é a tentativa de averiguar como uma sociedade esclarecida pelo racionalidade e aos avanços científicos, ao invés de emancipar a humanidade pelo esclarecimento entrou em colapso devido a Segunda Guerra Mundial.

O esclarecimento se mostrou contraditório gerando um ofuscamento causado

pela própria racionalidade puramente que tornou-se instrumental criada pelo cientificismo e propiciando um retorno a mitologia que visava combater. Para os pensadores, o programa ou projeto do esclarecimento fracassou: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandeceu sob o signo de uma calamidade triunfal” (Adorno, Horkheimer, 1985, p. 19). Para os autores, o esclarecimento se mostrou contraditório devido a sua regressão ao mito:

Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos. Quaisquer que sejam os mitos de que possa se valer a resistência, o simples fato de que eles se tornam argumentos por tal oposição significa que eles adotam o princípio da racionalidade corrosiva da qual acusam o esclarecimento. O esclarecimento é totalitário (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 25).

Mass (2011) comenta a potencialidade destrutiva na regressão ao mito devido à como falha na emancipação do indivíduo, o que acaba resultando em uma aporia do conhecimento científico que deveria libertar o homem da barbárie, mas acaba retroagindo a barbárie:

Portanto, a ruptura em relação ao mito não é a história da razão ou do espírito que se dirige à emancipação, como pensavam os iluministas. Na sua intrincada dialética entre esclarecimento e ‘regressão’, para usarmos um termo caro a Adorno e Horkheimer, se constitui através de paradigmas auto-repressivos e de uma violência que se foi manifestando e se gestando desde os primórdios da humanidade (MASS, 2011, p.47).

Euclides (1985), também reconhece o retorno a barbárie em tom pessimista e cínico analisar o episódio de Canudos, no qual a população local foi massacrada pelas tropas republicanas:

O caso, vimo-lo anteriormente, era mais complexo e mais interessante. Envolve dados entre os quais nada valiam os sonâmbulos errados e imersos no sonho da restauração imperial. E esta insciência ocasionou desastres maiores que os das expedições destroçadas. Revelou que pouco nos avantajávamos aos rudes patrícios retardatários. Estes, ao menos, eram lógicos. Insulado no espaço e no tempo, o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez. Bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar cerca de três séculos, procurava levá-lo para os *deslumbramentos da nossa idade*

*dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas (CUNHA, 1985, p.345), grifo nosso.*

Neste caso temos a comparação cínica entre de Euclides entre o brilho da civilização com as descargas dos clarões. Para Euclides (2009), o retorno a barbárie é uma consequência do malogrado projeto de Modernidade da república positivista do Brasil, herdeiro da crença emancipatória e do otimista do progresso científico. Nele pode abrigar, em sua inconsciência, uma escravidão do homem sob a égide técnica e da racionalidade instrumental, no entanto, tal forma dominação é implícita pois está sutilmente disfarçada sobre a mais cândida boa-fé humanitária, de levar o progresso a regiões atrasadas e prometendo a emancipação da ignorância e da pobreza através do progresso e da ciência, porém isso leva o homem a novas formas dependência.

### 3.2 COMPARAÇÃO COM ULISSES

Em comparação com Adorno e Horkheimer (2012), a volta a barbárie é uma consequência do processo de esclarecimento nas sociedades burguesas, devido à dependência da racionalidade que tornou a humanidade dependente da racionalidade. Os autores são ainda mais generalistas quando afirmam que:

A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a afastar-se do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (ADORNO, HORKHEIMER 2012, p. 43).

Ainda de acordo com os pensadores, essa dominação é representada na epopeia de Homero no episódio das sereias, quando Ulisses, capitão da embarcação, decide ouvir o canto mortal das sereias se prendendo ao mastro da embarcação enquanto os marinheiros nos remos fecham os ouvidos com cera para não cair no encanto mortal.

Ela marca assim, uma divisão de trabalho entre que separa o intelecto e trabalho no qual alguns poucos podem usufruir e enquanto a imensa maioria fica em estado de privação do gozo (DUARTE, 2009).

Se observarmos a obra de Euclides, esse canto das sereias nos *Sertões*, se refereas promessas de bem-estar, progresso e felicidade que o governo brasileiro dirigiu as elites do país em seu programa de modernização. Euclides identifica tal processo como algo nocivo a nacionalidade:

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. A afirmativa é segura (CUNHA, 2012, p. 234).

Lima (1997) afirma a elite econômica e intelectual do país usufruía das promessas que o governo republicano promoveriam com a concretização do seu objetivo de modernizar o país.

Euclides (2005) ironiza a condição da elite do país deliberante e iludida com as promessas da Modernidade vivem e “palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos” (CUNHA, 2009, p. 234). Tal como Ulisses, a classe intelectual brasileira que usufrui sem perigo ou risco da Modernidade se auto preservando dos infortúnios e do: Medo de perder o eu e o de suprimir com o eu o limite entre si mesmo e a outra vida, o temor da morte e da destruição, está irmanado a uma promessa de felicidade, que ameaçava a cada instante a civilização (ADORNO e HORKHEIMER, 2012, p.48).

Enquanto o restante da população brasileira, segundo Euclides (2006), a margem do progresso e do bem-estar que a elite usufrui serviam como “mercenários inconscientes” (CUNHA, 1985, p. 19), tais como os subordinados de Ulisses surdos e despossuídos, empreendendo a concretização do projeto da Modernidade através da eliminação de Canudos.

A posição dos soldados/ marinheiros em cumpridores fiéis e cautelosos de seus dirigentes trabalham exaustivamente em nome de uma promessa felicidade, gozo e fruição que se manterá para eles inaudita e distante. Contudo, assim como os marinheiros de Ulisses que remaram para além da influência do canto das sereias, desviando do perigo seu comandante embriado pelo canto e seu frágil navio dos rochedos submersos, os soldados que combaterem em Canudos salvaguardam os princípios da Modernidade que seus dirigentes e líderes lhes designado sem nenhuma

autorreflexão sobre o uso da força desproporcional contra população sertaneja no interior da Bahia:

Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticuezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará haviam(CUNHA, 2012, p. 434).

Zilly (2002) afirma que a veracidade e consistência da crítica de Euclides a repressão de Canudos reside no reconhecimento do uso de métodos bárbaros em nome do progresso, contra aqueles considerados atrasados e primitivos que derivam ser conduzidos e inseridos Modernidade mas que acabaram sendo exterminados pela mesma.

Euclides (2012) distingue a incoerência entre o discurso pelo esclarecimento da república brasileira que prometia emancipação da pobreza e da ignorância e os métodos pelos quais esse esclarecimento foi realizado no sertão:

Eram, realmente, fragílimos aqueles pobres rebelados...Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto enviamos-lhes o legislado Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador- a bala. Mas antes tentou-se empresa mais nobre e mais prática (CUNHA, 2012, p.187).

Em comparação com Adorno e Horkheimer (2012), a sociedade esclarecida tende a se torna-se totalitária e contraditória na sua campanha de implementação de racionalidade instrumental que elimina o mito e toda capacidade de autorreflexão através da quantificação do conhecimento por meio do cálculo abstrato:

Assim, a relação da necessidade com o reino da liberdade permaneceria meramente quantitativa, mecânica, e a natureza – colocada como algo inteiramente alheio e estranho, como ocorre na primeira mitologia – tornar-se-ia totalitária e absorveria a liberdade juntamente como socialismo. Com o abandono do pensamento – que, em sua figura coisificada como matemática, máquina, organização, se vinga dos homens dele esquecidos – o esclarecimento abdicou de sua própria realização. Ao disciplinar tudo o que é único e individual, ele permitiu que o todo não compreendido se voltasse, enquanto dominação das coisas, contra o ser e a consciência dos homens (ADORNO e HORKHEIMER, 2012, p. 18).

Essa *dominação das coisas, do ser e da consciência* representa adominação do objeto da racionalidade sobre os sujeitos que buscava se emancipar do mito negando sua natureza e legitimando o esclarecimento como única forma de conhecimento confiável, revelando a sua dependência do mesmo. Nos *Sertões*, a dependência se encontra na sociedade urbana brasileira que imersa aos padrões da racionalidade e as abstrações de uma “civilização de empréstimo” (CUNHA, 2005, p.231) importada da Europa.

Essa incapacidade de se auto questionar sobre a incoerência do projeto da Modernidade da república brasileira pode ser exemplificada na obra *Descrição de uma viagem a Canudos* (2012), escrita pelo voluntário do corpo médico durante a guerra de Canudos, Alvim Martins Horcades, que segundo o qual o dever e a obediência daqueles que lutaram contra o messianismo de Antônio Conselheiro está pautado em:

Quizemos com isso simples e unicamente afirmar a nossa dedicação á Republica, e dizer a infames detractores da honra alheia que a Patria, caluniada e ultrajada, repellia com a pontado pé todas as callonias e ultrajes contra ella assacadas e que a mocidade guardava aninhada no seu coração um ídolo sacrossanto, amais proeminente as virtudes- a Caridade (HORCADES, 2012, p. 13)

Para Bernucci (1995), tal contradição do processo modernização que passa o Brasil só foi percebida depois da publicação e repercussão dos *Sertões*, devido ao teor incisivo de Euclides ao demonstrar as incongruências da guerra contra Canudos que deveria preservar a sociedade republicana da barbárie mas que ocasionou o aprofundamento desta sociedade na barbárie através de luta fratricida.

Conforme cita Adorno e Horkheimer (2012), o esclarecimento aliena o homem em seu processo de racionalização da realidade no qual para sua autopreservação lança mão da violência amparada por argumentos humanitários que legitimam o ato:

Se um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo, ainda que seja tão bemintencionado quanto a própria vítima. Por mais correctas que sejam, as explicações e os contraargumentos racionais, de natureza económica e política, não conseguem fazê-lo, porque a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento. Na medida em que agridem cegamente e cegamente se defendem, perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto (ADORNO e HORKHEIMER, 2012, p. 82).

Comparando essa reflexão dos pensadores, sobre a condição de cegueira dos indivíduos ante as promessas de emancipação humana não cumpridas. Nos *Sertões*, os promotores do esclarecimento estão igualmente condicionados a racionalidade instrumental que priva os homens da emancipação, devido a dependência do cálculo e obstrui sua capacidade autorreflexão sobre seus atos:

E lá não chegaria, certo, a correção dos poderes constituídos. O atentado era público. Conhecia-o, em Monte Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Coonestara-o com a indiferença culposa. Desse modo a consciência da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonimato da culpa e pela cumplicidade tácito dos únicos que podiam reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até aos dentes, em cima da mísera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar (CUNHA, 2012, P. 456).

Dessa maneira, os soldados destruiriam o arraial de Canudos e aniquilariam a sua população em nome da Modernidade, reafirmando que “o caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sobre o qual a satisfação não brilha senão como mera aparência, como beleza destituída de poder” (ADORNO e HORKHEIMER, 2012, p.49). Conforme Eagleton (1997) afirma sobre o esclarecimento: “Ao iluminar o obscurantismo da velha ordem, lançou sobre a sociedade um a luz ofuscante, que cegou homens e mulheres para as fontes sombrias dessa claridade” (EAGLETON, 1997, p. 66).

No entanto, a crítica mais incisiva de Euclides ao projeto da Modernidade não está na escritura dos *Sertões* ou nos textos adjacentes a este, como suas cartas pessoais ou na caderneta de guerra, mas está nos rascunhos dos *Sertões* que não foram publicados em 1902, a pedido do editor da obra devido ao teor enérgico e crítico ao regime republicano do Brasil.

Esses rascunhos permaneceram várias décadas guardados em um cofre da Universidade Federal da Bahia até serem encontrados por Leopoldo Bernucci, estudioso da obra de Euclides, que os publico como anexo de sua obra *Imitação dos Sentidos* de Bernucci (1995), vejamos esse fragmento dos rascunhos de Euclides:

No litoral extenso, num parasitismo perene vivendo dos elementos elaborados no seio da civilização européia, numa passividade enervadora de agrupamento mendigos fartos, uma sociedade sem autonomia – uma outra sociedade mui diversa, estacionando naturalmente, num plano inferior, retrogradando quase para a situação das raças primitivas (CUNHA, *apud*, BERNUCCI, 1995, p.128).



Esse decepção com o projeto da Modernidade no Brasil demonstrar seu caráter excludente e opressor que oferecer manutenção de status para aqueles que dele usufruem e se beneficiam. Isso pode ser comparando com o posicionamento que os autores destacam sobre a característica verdadeira autoritária do próprio esclarecimento:

Obedecendo a seu próprio princípio, o esclarecimento não se detém nem mesmo diante do mínimo de fé sem o qual o mundo burguês não pode subsistir. Ele não presta à dominação os serviços confiáveis que as antigas ideologias sempre lhe prestaram. Sua tendência anti-autoritária – que apenas subterraneamente, é verdade, se comunica com a utopia implícita no conceito de razão – acaba por torná-la tão hostil à burguesia estabelecida quanto à aristocracia, da qual aliás logo se tornou também uma aliada. O princípio anti-autoritário acaba tendo que se converter em seu próprio contrário, numa instância hostil à própria razão: ele elimina tudo aquilo que é intrinsecamente obrigatório, e essa eliminação permite à dominação decretar e manipular soberanamente as obrigações que lhe são adequadas em cada caso (ADORNO e HORKHEIMER, 2012, p. 46).

A promessa filantrópica do Esclarecimento segundo aos autores, agora se mostra ilusória pois não existe um Esclarecimento ou emancipação fora do programa do racionalidade instrumental, não há emancipação humana que não seja aquela condicionada a uma interpretação matemática da realidade que exclui aquilo que não a natureza racional.

Zilly (2000) define que a crítica de Euclides demonstrar um certa precocidade ao paradigma da Modernidade ao interpretar a guerra de Canudos como uma condição para inserção do Brasil na Modernidade.

Euclides, por sua vez, se mantém restrito a particularidade do caso brasileiro não estabelecendo assim uma análise sobre o processo da Modernidade de maneira geral e amplo. Seu intuito ainda é demonstrar a proposta fracassado do governo brasileiro em inserir o Brasil no contexto da Modernidade:

A República poderia ser regeneração. Não o foi. Empreendida por ela numa manhã de Novembro a velha sociedade não teve energia para transformar a revolta feliz numa revolução fecunda. E nós precisávamos de uma revolução<sic> que nada mais é do que o rompimento brusco do equilíbrio governamental e a força moral da opinião pública. mas uma revolução no sentido seguro da palavra é o potencial da evolução – a movimentação social comprimida largo tempo ganha em força o que perde em movimento – progredindo

verticalmente numa condensação sucessiva de energia até que esta seja suficiente para romper a coesão fortíssima dos [devidos] costumes <sic> /e nós não [ enobrecemos] quase. A falta de solidariedade nos atos e nas idéias, através do tempo e do espaço, tão de pronto apercebida em nossa história, não dera à nossa situação no presente a feição nobilitadora de uma dívida para com o passado e de um compromisso par com o futuro. Faltaram-nos o impulso do primeiro e atração vagarosa do último. A sociedade assaltada de golpe ante uma manobra heroica quedou-se inerte e passiva (CUNHA, *apud*, BERNUCCI, 1995, p.129).

De acordo com Mello e Sousa (2009), Euclides, como observador emocionalmente envolvido, suscita ou desperta, frequentemente, uma admiração movida pela compaixão ou fascínio pelo seu personagem e/ou uma tensão de repulsa ou terror do mesmo, em determinados momentos nas obras. Essas duas emoções trágicas de compaixão e terror na concepção aristotélica representam uma tensão dramática entre sentimentos opostos.

Usando essa concepção de uma oscilação dramática simpatia/terror afirmada por Mello e Souza, afirmamos que essa qualidade particular em Euclides de “observador emocionado” com sua observação dos fatos e ambientes em sua volta, não seria viável nem legitimada sem nenhuma uma experiência empírica e direta do escritor com a realidade.

Essa condição de Euclides reforça seu distanciamento de uma interpretação racionalista sobre o conflito armado em Canudos. A interpretação de Euclides se torna dialética quando o autor reconhece o retrocesso a barbárie (mito) como um meio para o processo de esclarecimento da sociedade brasileira no final do século XIX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico é um estudo comparativo entre na área de literatura comparada entre os escritos de Euclides da Cunha *Os Sertões*, com a obra *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno & Horkheimer. O texto ressalta principalmente e as divergências e convergências entre as críticas realizadas pelos distintos autores ao projeto da com relação ao projeto da Modernidade

Dessa maneira, por se tratar de uma proposta comparatista destacaremos as particularidades dos textos sobre o temática em relação ao contexto distinto em que cada um está inserido, já que os textos são reflexos das experiências particulares dos autores.

No caso de *Os Sertões* e das obras adjacentes, Euclides da Cunha põem em dúvida os critérios e os pressupostos desse projeto de Modernidade adotados pela recém-estabelecida república brasileira que justificaram a repressão republicana violenta contra a revolta camponesa na região de Canudos (1987).

Adorno e Horkheimer, o projeto de Modernidade é verdade inconveniente contida na dialética prototípica da auto conservação e do sacrifício interpõe uma questão de fundo para o dilema enfrentado na sociedade atual, na qual a racionalidade está

relacionada ao consumo e os interesses capitalistas.

Além disso, a própria racionalidade retroage para o mau uso dos recursos materiais em nome da desmedida causando uma perda de sua autonomia perante a sociedade de consumo, com o interesse da troca sobrepondo-se à necessidade do uso, fazendo com que à natureza, fonte original do valor de uso, só se atribua reconhecimento quando presa aos fins instrumentais mercantil.

Euclides da Cunha, por sua vez, se destaca a hipocrisia dos princípios Modernidade, sutilmente disfarçados sobre a mais cândida boa-fé humanitária, que prometia a emancipação da ignorância e da pobreza do homem sertão através do progresso e da ciência, mas que acabou resultando no massacre dos sertanejo sob pretexto de proteger a República do Brasil da revolta sertaneja de Canudos.

Dessa maneira, com a propagação da economia mercantil na sociedade brasileira nos fins do século XIX, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob a nova barbárie, pela dominação do trabalho humano tendeu sempre a se separar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guildo A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guildo A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress)> acesso em 12 de jun de 2012.

BACON, Francis. **Novum Organum**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress)> acesso em 12 de jun de 2012.

BAHIA, Ricardo José Barbosa. *Das luzes à desilusão: o conceito cultural em Adorno e Horkheimer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido desmancha no: a aventura da modernidade ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria Liboriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress)> acesso em 12 de jun de 2012.

BERNUCCI, Leopoldo M. *A Imitação dos Sentidos: Prógonos, Contemporâneos e Epígonos de Euclides Cunha*. São Paulo: UNESP, 1995.

BOLLE, Wili. *Grandesertão. BR: o romance de formação*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

BRUNEL, P. PICHOS, C.L., ROUSSEAU, A. M. *Que é Literatura Comparada?* trad. de Célia Berrettini. 2 ° ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. ed. crit. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. org. Paulo Roberto Pereira 2 ed. Rio de Janeiro. Nova Águila, 2005, vol. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. *Os Sertões* (campanha de canudos). 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os Sertões*. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com>>. acesso em 12 de out. 2012.

DESCARTES, R. *O Discurso do Método*. Trad. Maria Ermantina. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Meditações*. Trad. Paulo Martins. 3º ed São Paulo: Nova cultural, 1998 (Os Pensadores).

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 42-49.

\_\_\_\_\_. Sobre o Conceito Dialético do Esclarecimento. IN: TIBURI, Marcia. DUARTE, Rodrigo (org.) *Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento*. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. *Adorno/ Horkheimer & A dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

EAGLETON, Terry. *Ideologia -Uma Introdução*. São Paulo: Editora Bomtempo, 1997, p.66.

FRAGA, M. G. A dialética do esclarecimento. Disponível em: <<http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress>> acesso em 12 de jun de 2012

GUIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. trad. de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991. Disponível em: <<http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress>> acesso em 12 de jun de 2012.

HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)?  
In: \_\_\_\_\_ *Textos Seletos*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985  
Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress)> acesso em 12 de jun de 2012.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MASS, Olmaro Paulo. Racionalidade Dialética entre Mito e Esclarecimento: uma leitura da *Dialética do Esclarecimento*, de T. W. Adorno e M. Horkheimer. 2011.100 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Filosofia Mestrado. Universidade Católica do Rio do Grande Sul, 2011.

MELO e SOUSA, Ronaldo de. **A geopoética de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: EDUERF, 2009.

RAMA, Ángel. **A Cidade das Letras**. trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência e a política na transição paradigmática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress)> acesso em 12 de jun de 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais na criação cultural da Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Wellington Carlos de Sousa. *Entre o Facundo e os Sertões: uma aproximação literária*. 2012, 50 f. Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Trad. Elias Ferreira Edel. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p.

ZHIRMUNSKY, Victor M. trad. Rutb Percise. Sobre o estudo da literatura comparada. IN: COUTINHO, F., CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990, p.199-214.

ZILLY, Bertholdy. Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopéia da literatura universal: *Os Sertões* de Euclides da Cunha, cem anos depois. IN: NASCIMENTO, José Leonardo do (org), **Os sertões de Euclides: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.p 63-72.